

*J. Antonio B. Correa*



# NOTÍCIAS DE "VICENTE SÓ"

## BRUSQUE - ONTEM E HOJE



ANO VI

Nº. 21

EDIÇÃO DA  
SOCIEDADE AMIGOS DE BRUSQUE

# *Sociedade Amigos de Brusque*

Fundada a 4 de Agosto de 1953

Reconhecida de utilidade pública:

Lei Estadual nº 1162 de 12 de novembro de 1954

Lei Municipal nº 73 de 9 de março de 1954

C.G.C. 83721639/0001-93

Sede própria: Avenida Otto Renaux — Caixa Postal, 27

88350 - BRUSQUE — Santa Catarina

Mantenedora do MUSEU HISTÓRICO DO VALE DO ITAJAÍ-MIRIM

---

## Notícias de "Vicente Só" BRUSQUE — ONTEM E HOJE

Revista de cultura histórica do Vale do Rio Itajaí-Mirim

Registrada sob nº 02 no Livro de Registros de Pessoas  
Jurídicas em Brusque, Santa Catarina

Publicada trimensalmente sob a responsabilidade da

SOCIEDADE AMIGOS DE BRUSQUE

DIREÇÃO: AYRES GEVAERD

Composta e impressa nas Oficinas da Fundação "Casa Dr. Blumenau"

# NOTÍCIAS DE "VICENTE SÓ"

## BRUSQUE-ONTEM E HOJE

Ano VI

Janeiro, Fevereiro e março de 1982

Nº 21

### Sumário

POLONESES: A EPOPÉIA DE UMA IMIGRAÇÃO — (Continuação) Maria do Carmo R. Kl. Goulart .....	1
NOSSOS VELHOS ARTESÃOS — Ayres Gevaerd .....	6
PESQUISA E ESTUDO DAS CASAS DE ENXAIMEL — Prof. Aloisius C. Lauth .....	9
HERÓIS BRUSQUENSES NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL — Jorge Luiz Gonzaga .....	12
DOCUMENTOS DA ADMINISTRAÇÃO BARÃO MAXIMILIANO DE SCHNEEBURG: Outubro de 1863 .....	16

**CAPA** — Conceção e gentileza de Walfgang L. Rau.

**Clichê** — Rua Pedro Werner por volta de 1925.

# POLONESES: a epopéia de uma imigração

(Continuação)

Maria do Carmo Ramos Krieger Goulart

## 7. PADRE GATTONE E O 1º BATIZADO

Nem bem chegados à então Colônia Príncipe Dom Pedro e uma família de imigrantes poloneses recorria aos serviços religiosos do Padre Alberto Francisco Gattone atestando, novamente, a entrada dos polacos em data de agosto de 1869.

Talvez seja este o primeiro documento comprobatório da presença deles. Era o imigrante **Thomaz Sienowski** e sua mulher **Maria Kowaslka**, que solicitavam batizado para o filho **Estevão**, nascido no dia 3 de julho de 1869, "em o mar", conforme registro do próprio Padre Gattone, às folhas 11, registro 55, do Livro dos Batizados de Brusque: 1869/1876 — pertencente ao Arquivo Histórico Eclesiástico de Santa Catarina.

Resta saber se esta inocente criança já entrara no rol dos imigrantes chegados, porquanto da relação dos imigrantes consta que Thomaz Sienowski veio com a mulher e dois meninos; mas na soma total das pessoas de cada família chega a 4 — no caso específico de Thomaz.

## 8. OUTROS NASCIMENTOS E BATIZADOS

Ainda em 1869 ocorreria o nascimento do primeiro filho de imigrantes poloneses em terras brasileiras. E o fato aconteceria na Colônia Príncipe Dom Pedro, conforme documentou o Padre Gattone, o qual tornou-se uma espécie de historiador da época, anotando os óbitos e batizados da Colônia e tornando-se, anos depois, um importante informante, através das anotações deixadas.

Para o melhor conhecimento dos fatos, o registro de todos os dados relativos aos batizados e, conseqüentemente nascimentos, deve aqui ser levado em consideração, pois graças a eles foi possível a explicação de divergências, como veremos adiante.

É descendente do imigrante polonês vindo para o Brasil na primeira leva dirigida a Santa Catarina, a menina **Izabella Kokot**. Filha de Philippe Kokot e de sua mulher Izabella Gebur, a menina nasceu no dia 12 de novembro de 1869. Batizada no dia 14 do mesmo mês, teve como padrinhos Thomaz Sienowski e Justina Prudlo — coincidentemente ele, pai da primeira criança descendente de imigrantes poloneses batizada na Colônia Príncipe Dom Pedro. (2)

Em janeiro do ano seguinte vamos encontrar outro nascimento: **Juliana**, filha legítima de Gaspar Gebur e de Ana Woitscki, tendo sido

batizada no mesmo dia 4. Apadrinharam-na Phillipe Kukot e Caroline Siénovski. (3)

Ainda no ano de 1870 ocorreu outro batizado: o da inocente **Sophia**, nascida em 29 de setembro de 1870, filha legítima de Francisco Metzke e de Helena Hemmen. Sophia foi batizada no dia 24 de dezembro. Os padrinhos João Reichert e Maria Francisca da Silva testemunharam o ato religioso e com um sobrenome destes — da Silva — nota-se o entrosamento do polonês com o brasileiro da região. (4)

#### 9. BRUSQUE OU CURITIBA? UMA CONTESTAÇÃO.

Os esparsos batizados nos dão uma pálida estatística, pois procedentes de um país com tradições religiosas muito profundas, o polonês não se descuidava de sua fé. E o registro dos batizados é uma prova real de dados sobre a descendência polonesa, podendo ser considerada mesmo como uma fonte bastante aproximada, devido à inexistência de outra — pelo menos ao que se saiba.

Chegou o ano de 1871 e 26 de abril marca a data de nascimento de **Pedro Purkott**. Batizado a 22 de maio, Pedro foi outro filho de imigrante polonês nascido na então Colônia Príncipe Dom Pedro. Seu nome — Pedro — sugere uma homenagem ao nome do lugar. Bem poderia ser, já que seu pai — Simão Purkott — havia aí se estabelecido com as primeiras levas. (5)

Se fizemos questão de elucidar estes registros de batizados, é para contestarmos o que lemos numa placa de prata, anexa à talha de Jesus Migrante, no Bosque João Paulo II, em Curitiba:

“A Cidade de Curitiba

onde nasceram os 1<sup>os</sup>. filhos imigrantes

poloneses em terras brasileiras,

oferecemos esta imagem de

Jesus Migrante

tão eloquente e tão

plena de expressividade humana.

Homenagem da posteridade polono-brasileira

por ocasião da visita de S. S. o Papa João Paulo II.

Curitiba, julho de 1980”.

Portanto, que nos desculpe a “posteridade polono-brasileira”, mas a cidadania dos primeiros filhos de imigrantes poloneses em terras brasileiras pertence a Brusque, de onde reemigraram para Pilarzinho — Curitiba.

#### 10. OS VÍNCULOS SENTIMENTAIS COM O

“CEMITÉRIO DOS POLACOS”.

Voltando às anotações do Padre Alberto Francisco Gattone, desta feita pesquisando o “**Livro para os assentamentos das pessoas falecidas na Colônia Brusque**”, vamos encontrar, em 1870, o primeiro óbito entre os poloneses.

É neste ano, portanto, que se iniciam os vínculos sentimentais com a Colônia, quando os imigrantes começaram a enterrar seus entes queridos no Cemitério dos Polacos.

No dia 11 de outubro, portanto um ano e dois meses após a chegada dos poloneses, faleceu na Colônia Príncipe Dom Pedro o inocente **João Otto**, com a idade de um ano e cinco meses. Pela idade, constata-se que era recém-nascido quando seus pais Simão Otto e Rosalia Gabriel emigraram para o Brasil, ainda na primeira leva, chegada em agosto de 1869. (6)

**Margarida Millek**, com a idade de 4 anos, faleceu no dia 21 de dezembro de 1870, e também foi enterrada no Cemitério dos Polacos. (7)

Porém o mais doloroso estava por vir, atingindo uma família de imigrantes: **Josepho Purkott**, relacionado como solteiro na lista de chegada, deve ter se casado na Colônia Dom Pedro, pois o Livro dos Óbitos registra o falecimento de dois filhos seus — possivelmente também nascidos na Colônia — num curtíssimo espaço de tempo: **Gaspar Purkott**, com a idade de 1 ano, faleceu no dia 2 de janeiro de 1871 (8). Enterrado no dia 3, em cuja data há o registro de óbito de seu irmão **João** (9). Embora o Padre Gattone tenha assinalado que Gaspar tinha a "idade de um anno" e que João tinha a "idade de 1 anno e dous mezes", a possibilidade de terem sido gêmeos é clara. Deve ter havido, isto sim, uma falta de clareza nas informações — pres-tadas ou recebidas. E a doença que os acometeu está registrada como sendo a "tysica". (10).

**Margarida Millek** faleceu no dia 14 de janeiro de 1871 com apenas três semanas e a "causa mortis", segundo o Padre Gattone, foi por "causa das lombrigas" (1). Aqui é interessante notar que os pais João Millek e Susana Kubis haviam perdido uma filha chamada Margarida, em 21 de dezembro de 1870, de disenteria. Nascendo-lhes, em seguida, outra menina, colocaram o mesmo nome.

Na sequência das mortes, vítima também da tísica, faleceu **Juliana Gebur** — cujo registro de batizados vimos anteriormente. Juliana faleceu na Colônia Príncipe Dom Pedro e foi enterrada no Cemitério dos Polacos, na mesma Colônia, no dia 27 de fevereiro de 1871 (12).

## 11. OUTROS FALECIMENTOS.

Há um espaço de quatro meses até nova ocorrência de morte na Colônia Príncipe Dom Pedro, relacionada com o imigrante polonês.

**Anna Gebur** (irmã de Juliana), faleceu no dia 18 de junho de 1871, com a idade de um ano e seis meses, "em consequência de febres" (seg. registro do Padre Gattone) e não foi enterrada no Cemitério dos Polacos e sim, no Cemitério de Rio do Cedro, contrariando uma quase tradição por eles estabelecida (13).

Após esta data, não consta, nos livros pesquisados, algo escrito sobre falecimentos ocorridos em famílias polacas até o ano de 1875,

denunciando, deste modo, a transmigração que ocorreria a partir do segundo semestre de 1871.

Do Cemitério dos Polacos nada mais existe a não ser uma grande cruz de madeira — testemunha muda e silenciosa a resistir no tempo de cento e onze anos passados desde o 1º inocente ali enterrado, e agora recolhida à sede da Sociedade Amigos de Brusque.

## 12. A CRUZ, COMO SÍMBOLO MAIOR DOS POLACOS.

É sobre a Cruz dos antepassados, onde os poloneses deixavam as raízes, enterrando seus mortos, que o Papa Joao Paulo II falou, quando de seu encontro com os poloneses no Brasil, a 5 de julho de 1980, em Curitiba.

“(...) e no batismo teve origem a nossa Nação, nos seus sentimentos e nos fundamentos de sua História estava a Cruz sobre a qual se morre para viver na verdade (...)”.

E mais adiante, em sua homilia, assim se expressou o Papa à grande multidão: “(...) Esta Cruz estava profundamente enxertada no coração de vossos antepassados, avós, pais e mães, dos quais vós sois os herdeiros e os quais ainda hoje atuam em vós.

Há 150 anos começaram eles a abandonar a Pátria, muitos deles abandonavam-na por necessidade, porque não encontravam nela já pão suficiente.

Procuraram uma terra neste imenso país a qual lhes podia dar o necessário. Mas sabemos muito bem como era difícil e pesada a sua vida em terra estranha, abandonavam o seu país com as mãos vazias e na maioria das vezes até com fome, mas no entanto com fé profunda, transmitida por seus pais com a Cruz — sinal da salvação — profundamente enraizada em seus corações e isto era a sua força e a sua vitória (...)”.

Karol Wojtilla — ele próprio um polonês — profundamente conhecedor do sofrimento de seu povo, expressou-se muito bem em sua homilia ao afirmar que a Cruz — presente no coração do antepassado — hoje continua presente em todos nós, confirmando a presença de imigrantes poloneses em terras da Colônia Príncipe Dom Pedro, a cruz — como símbolo maior da existência do “Cemitério dos Polacos” — é uma história dentro da história da imigração de Brusque.

### Referências.

- (1) pertencente à Cúria Metropolitana, Florianópolis.
- (2) Livro dos Batizados — reg. 76, p. 15
- (3) idem, reg. 2, p. 19
- (4) idem, reg. 86, p. 33
- (5) idem, reg. 52, p. 43
- (6) Livro referido, r. 26, p. 11
- (7) idem, reg. 31, p. 12
- (8) idem, reg. 1, p. 13
- (9) idem, reg. 11, p. 13

- (10) conhecida por tuberculose, nòs dias atuais.  
(11) Livro de óbitos, reg. 9, p. 13  
(12) idem, reg. 10, p. 13  
(13) idem, reg. 20, p. 14

**Fontes de consulta:**

a) boletins:

1. Informativo da Casa Romário Martins.  
Ano VIII — nº 55 — Julho 1981  
"Parque Memorial da Imigração Polonesa"
2. Notícias de Vicente Só  
Ano III — Nº 9 — SAB — jan. fev. mar/79  
"Os difíceis dias da Colônia Príncipe Dom Pedro" — por Ayres Gevaerd.

b) arquivo:

- 1 Arquivo Histórico Eclesiástico de Santa Catarina, Cúria Metropolitana — Florianópolis.

---

## Nossos velhos artesãos

Ayres Gevaerd

Velhas fotografias trazem, quase sempre, recordações.

Outro dia, lá na "Casa de Brusque", comecei a classificar e identificar cerca de cem postais distribuídos em velho álbum. Trabalho pelo menos, para duas horas, pensei. Entretanto, logo de início deparei com um postal de 1920, aproximadamente, da rua das "Carreiras". Foi o bastante para voltar meio século e reviver dias de minha infância passada naquela rua e das horas nas imediações da oficina dos Irmãos Ulber, admirando a montagem de um carro de mola; desses que hoje ainda teimam em percorrer a cidade e que eu, com minha mulher, ocupávamos frequentemente. Nessês momentos esqueci-me de tudo, até do pão de milho com nata e queijo que me esperava em casa de minha avó materna, há poucos passos dali. Separei o postal, guardei a coleção e voltei para casa disposto a procurar, em meus cadernos, notas unicamente relacionadas com os nossos velhos artifices. Inclusive, lembrar os primeiros, aqueles que chegaram nas primeiras levadas de imigrantes.

---

Na rua das "Carreiras" existiam artifices e um artesanato de primeira linha: os irmãos Henrique, Germano e Ernesto Ulber, eram ferreiros e carpinteiros; José Hoerner, ferreiro; Victor e Francisco Pruner, marceneiro; José Pruner pintor; Guilherme e Ricardo Müller,

marceneiros. A montagem de um carro de mola ou de uma carroça era totalmente feita nas oficinas dessa rua, com instrumentos comuns, fole de ferreiro movido a mão e banco de marceneiro. Perfeição absoluta. Artesanato de primeira linha!

Na rua Engenheiro Taulois, esquina com a Avenida Carlos Renaux, havia a oficina de Guilherme Hohe, tanoeiro, um homem que não saía de sua oficina, tampouco de casa, ligada com aquela. Somente quando solicitado para exercício do voto ou para participar de um Júri, nosso Tanoeiro era visto na rua, impecavelmente vestido, solene, cumprimentando, na passagem, os conhecidos. Seus tonéis, barris, tinas, baldes, etc. eram famosos; montados à mão, desde o preparo da madeira até os arcos de ferro.

Havia, na rua Barão de Ivinheima, hoje Avenida Carlos Renaux, a marcenaria dos irmãos Primo e Augusto Diegoli, a mais evoluída na época, com máquinas movidas a eletricidade. Primo Diegoli foi um artista, em toda a plenitude da palavra. Excelente marceneiro, nas horas livres montava violinos e contrabaixos, sem interesse comercial. A Sociedade Amigos de Brusque, no dia que inaugurou sua sede, recebeu de pessoa da Família Diegoli um violino feito por Primo Diegoli; peça realmente preciosa e que se destina para o Museu de Brusque.

Outros marceneiros: Teodoro Haag, Francisco Sassi, Paulo Moritz, Emilio Ditttrich, Francisco Westphal, João Sartoti.

Adolpho Bruns foi carpinteiro, construtor de pontes inclusive da Cel. Pereira e Oliveira, da torre da Igreja Evangélica e de inúmeros prédios. Gustavo Willrich, da mesma profissão, e mais Carlos, José e Matias Hassmann, cuja especialidade era a montagem de engenhos de açúcar, serra e farinha. Outros: Cecirnio Tomio, José Taquini, Ludovico Comandoli, Carlos Wagner. Tivemos extraordinários mestres alfaiates: Carlos Luiz Gevaerd, Gustavo Krieger, Sezefredo Pieper, Germano Rosenbrock.

Oficinas de Ferreiro que se tornaram famosas através da alta qualidade de instrumentos de trabalho feitos por Guilherme G. Niebuhr, Sebastião e Leo Belli, José Mosimann, Wenceslau Ruzinsky, Paulo Peiter.

Os Funileiros Cristovão e Ernesto Rau, Guilherme Kormann, este último pioneiro em Brusque, na indústria de conservas alimentícias.

Construtores, mestres, pedreiros: José e Adolpho Gleich, Luiz Lübke, Oscar Orthmann.

Seleiros, Carlos Gracher, Guilherme Rich, Jacob Olinger, Henrique Deichmann, Henrique Appel.

Sapateiros, Carlos Appel, Frederico Heil, Mathias Moritz, Luiz Albani, Antônio Walendowsky.

---

Raros foram, desses artífices, os que buscaram fora de nosso município a aptidão e a arte com que exerceram suas respectivas profissões.

Nas relações das primeiras levas e no recenseamento feito em 1864, encontram-se os precursores e os prováveis mestres: Alfaiate, Amolador, Carpinteiro, Cutedeiro, Caldeireiro, Canteiro, Curtidor, Charuteiro, Estucador, Ferreiro, Jardineiro, Lapidário, Marceneiro, Padeiro, Pedreiro, Tecelão e Tintureiro.

Longe vão os dias em que se adquiriam, vindos das mãos desses nossos artífices, verdadeiras peças e obras de alta qualidade.

Aos poucos a técnica moderna, em sua constante evolução, veio e vem substituindo a ferramenta e a máquina, proporcionando ao homem lucro mais fácil.

A habilidade das mãos passou para a habilidade mecânica, mais rápida, mais rendosa, distituída entretanto de alma, de labor nobre e distinto.

O artesanato puro, hoje, é mais doméstico e se encontra nos trabalhos manuais, nas rendas e bordados, nos objetos de madeira, metal e couro.

---

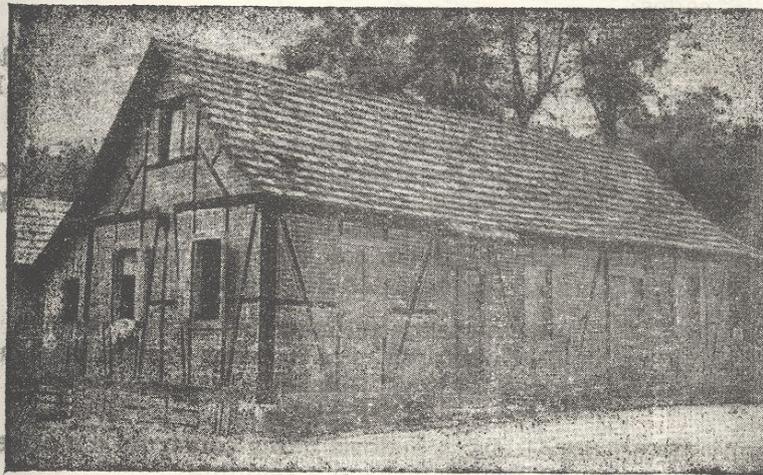
O pleno exercício das profissões de nossos antepassados deve ter tomado incremento e difusão logo depois da emancipação política, por volta de 1881/5. Superadas as atividades da lavoura por falta de melhores terras, a economia brusquense escorou-se ainda mais nas matas e nos engenhos de serra que se desenvolviam rapidamente. Por outro lado, desenvolvia-se a Vila. Oficinas de carpintaria, marcenaria, ferraria, armazens, etc. e em maior volume o comércio exportador de madeiras e dos produtos dos engenhos de farinha de mandioca e milho. O advento da indústria têxtil, através do pioneirismo dos poloneses de Lodz, entre outras, as famílias Kreibich, Petermann, Schlösser, Wiese, Jancowsky, foi o passo decisivo. Mas, isso já é outra história e merece considerações e estudos que absolutamente não tenho.

Tentei lembrar as atividades profissionais de nossos maiores, como em outras ocasiões, dos nossos colonizadores. Fiz o possível para lembrar todos e reconheço, por falta de registros, que muitos dos artesãos brusquenses permanecem esquecidos. É possível mesmo que c fiquem sempre, o que lamento sinceramente. Mas, de um passado mais recente, quero lembrar um nome, Harry Gevaerd. Ourives, criava e executava suas peças em ouro e prata com absoluta perfeição, situando-se em extraordinário conceito em Santa Catarina.

## Pesquisa e estudo das casas de enxaimel

Nós procuramos estudar a evolução da cultura habitacional, do "barracão do imigrante" às atuais casas populares de nosso município, passando pelo enxaimel. Cremos que ele foi a forma mais pura de habitação que possa caracterizar nossa região. Seu período de construção abrange os anos compreendidos entre a emancipação política do município (1881) e a emancipação econômica (1950). Hoje estas casas constituem a problemática atual do Vale do Rio Itajaí: casa típica, folclórica ou simplesmente casa de enxaimel?

Ao analisarmos estes assuntos buscamos, nas raízes de nossa colonização, critérios para avaliar as tentativas de amenizar a agressividade urbana e assim criar a indústria do turismo. Nesta questão, todos tomamos parte. Uns serão levados de arrastão, enquanto outros



criarão as condições de progresso. Pois, queiramos ou não, é questão de dias a consolidação de BLUMENAU transformar-se num burgo alemão para centralizar o comércio, influenciando assim as cidades vizinhas com características que, por semelhantes que sejam, não são próprias de nosso município: pontos de ônibus, fachadas de lojas, placas de sinalizações, acabamentos residenciais, sociedades esportivas...

Nesta pesquisa de campo, rodados 650 km de carro particular, em 2 meses, sentimos o quanto é difícil colher informações de um imóvel na periferia. Alguns nos receberam como verdadeiros anfitriões, mas a maioria ficou tomada de surpresa, quando não nos confundiram por agentes da Prefeitura, encarregados de impostos territoriais e prediais.

A fim de racionalizar os dados coletados nos propomos breve metodologia que padronizasse as informações, possibilitando conhecer a cultura habitacional do enxaimel. Todas as 46 casas foram vistas e as informações prestadas oralmente pelos moradores.

A pesquisa ressaltou-nos profundamente algumas características que deveriam ser analisadas, mas que passamos a enumerá-las simplesmente, por falta de condições:

1. o enxaimel foi construído por alemães badenses;
2. cujos tijolos cozidos tinham facetas laterais lisas;
3. eram fugados, ou pintados a cal;
4. a armação era de madeira de lei, banhada a óleo cru;
5. assoalho tosco de tábuas largas e espessas;
6. janelas de madeira, estreitas e altas;
7. forro alto, sobre barrotes grossos e também toscos;
8. telhado quase vertical, com telhas lisas;
9. pilares de pedra granito, as mais novas tinham tijolos rebocados;
10. varandas com frontais trabalhados;
11. as paredes da sala-de-visitas e quarto-de-casal eram decorados em cores frias, com motivos de flores miúdas, em linhas geométricas;
12. as instalações sanitárias estavam desligadas da casa;
13. as repartições dos cômodos ficava a gosto do proprietário;
14. o morador contratava os trabalhos do carpinteiro e pedreiro e sua família o auxiliava e
15. o estilo enxaimel está em completo abandono.

Vejamos agora alguns aspectos da pesquisa:

a) LOCALIZAÇÃO: grande número das casas situam-se de encontro ao município de Guabiruba, mas a maior área de concentração é a Peterstrasse. Outros lugares: Holstein, Lorena, Steffen e Águas Claras.

b) PROPRIETARIOS: a maioria não a construiu e a origem dos sobrenomes dos atuais proprietários é a seguinte:

Origem	% dos moradores
Alemã	61
Italiana	23
Eslava	15
Outras	01

Fonte: Aloisius Carlos Lauth

Eliminando a possibilidade de venda do imóvel, o quadro acima sugere explicação para a variação de traços (posição dos tirantes,

área da varanda, escotilha na parede, altura da cumieira...) encontrados no estilo. Acrescente-se, ainda, que a variação se deveu a dois fatores: a) disposição de material para o construtor e sua capacidade de harmonizar as linhas; b) aumento do número de filhos e consequente aumento de área da casa, semelhante ao estilo original.

c) CONDIÇÕES ATUAIS: o enxaimel está em péssimo estado, em completa deterioração do material. O abandono do estilo se deveu ao: a) alto custo da mão-de-obra; b) dificuldade de se conseguir madeira já entalhada; c) facilidade de aquisição de tábuas e pregos para uma construção mais rápida.

d) USO ATUAL: o enxaimel serve de rancho e até garagem. Os mais recentes, o lote de Peterstrasse, são ótimas moradias.

e) IDADE ESTIMADA: alguns moradores chegaram a calcular 100 anos para o enxaimel, enquanto que a mais nova foi estimada em 40 anos. Fazendo um cálculo médio dos anos, levantamos 65 anos para a vida do enxaimel.

f) EXEMPLARES: os enxaiméis da Peterstrasse; o enxaimel Jeske nas Águas Claras; o enxaimel Ullrich no Holstein; o enxaimel Visconti, na Batêas; o enxaimel Hassmann-Moritz no Guarani e o enxaimel Steffen-Fuckner no Bairro do Steffen.

**Prof. Aloisius Carlos Lauth**  
Brusque, 1980

## Heróis brusquenses na IIª Guerra Mundial

Jorge Luiz Gonzaga (1)

Muito se tem falado da história e do homem. História que narra o homem e homem que vive a história. Karl Marx afirma que poucos são os homens que fazem história. Ortega y Gasset repete que a maioria repercute as decisões desses homens. São como ondas de uma lagoa.

A história é concebida como a ciência da experiência humana acumulada no legado cultural do povo, cuja origem são os fatos e os homens. Ela serviu para situar o homem na sua luta de sobrevivência e aprender a não repetir erros, buscando a melhoria de vida. Quando generalizada, ela qualifica a raça, emitindo valores antropológicos, sociais, individuais. Quando particularizada, a história é fonte de heroísmo. A história apreende o particular, interpretando os fatos humanos, registrando causas e conseqüências, úteis a quem decida os rumos da humanidade.

Como capacidade de apreciar as experiências humanas, a história é individualizante. Marcada pelo lugar e pelo tempo. É a história de cada um, naquilo que pensa, age e sofre as conseqüências. Feita de atos heróicos, de derrotas, de aprendizagens que a pessoa adquire com o passar dos tempos. Ela se acumula no legado cultural de cada povo e passa por esquecida. Para a cosmovisão do grupo social, ela tem maior riqueza porque apresenta o homem com qualidade e defeitos. Mostra o valor de cada membro e lhe serve de modelo. É razão do pensar e do agir. A história de cada um é mitologema ao grupo, enquanto apresenta certos comportamentos do indivíduo em relação ao ambiente em que vive.

Seria válido apanhar dados subjetivos quando a história já contou e recontou o acontecimento? Sim, uma vez que a narração extrai das experiências subjetivas os fatos que merecem destaque.

Neste sentido, achamos válido este trabalho pelo fato de se concentrar na experiência individual daquilo que o grupo realizou. Com isso, pretendemos abrir caminho para que se registre o mais exatamente possível o que cada um desses homens viu, sentiu e realizou diante de um inimigo que combatia ferozmente.

Apesar de pouco valorizados, ou até mesmo esquecidos, esses homens são especiais. Suas impressões devem ser registradas como ponto de ensinamento para as novas gerações. "É preciso passar por uma guerra para saber realmente o que ela é. Se antes de falar, muitos conhecessem os sofrimentos de um campo de batalha, não desejariam

(1) Monografia apresentada à Escola Superior de Estudos Sociais — FEBE, sintetizada por Aloisius Carlos Lauth. Jorge Luiz Gonzaga é filho de ex-combatente e atua como missionário na região do Mato Grosso do Sul.

uma guerra para mudar a situação do país" — assim desabafou um deles ao término da entrevista. Há fórmulas melhores de se resolver uma crise.

Estoura a IIª Guerra Mundial. O Brasil, por um jogo de forças americanas, põe-se ao lado dos aliados. Soldados são convocados para formar um escalão de 100.000 homens. E mais uma vez a tranquilidade do Vale do Rio Itajaí-Mirim é quebrada. Descendentes de italianos e alemães, presos por laços afetivos à longínqua e desconhecida pátria, vêem-se de coração partido. Falava-se que o inimigo tencionava invadir a antiga colônia de imigração. Os descendentes são desprezados e odiados. Inicia-se a desgermanização.

Quarenta e sete brusquenses são convocados para o contingente da FEB — a maior convocação nacional de um único município. É a contribuição de Brusque ao conflito. Seu território, à época, compreendia a região de Vidal Ramos, Botuverá e Guabiruba. Alguns são convocados do Tiro de Guerra; outros do Batalhão de Infantaria ou mesmo da reserva. Estes heróis combateriam do Comando ao front, na cozinha, como rádio-telegrafista, reconhecedor de terreno, mensageiro, intérprete, municionador e até operador de morteiro e de metralhadora. Eis a relação deles, segundo o endereço atual:

NOME	CIDADE	LOCALIDADE
1. Afonso de Oliveira	— Brusque	— Bairro Santa Rita
2. Alberto Luiz Maestri	— Brusque	— R. Tiradentes
3. Alvim Gonçalves	— Brusque	— Bateas
4. André Bianchessi	— Itambé (PR)	
5. Anselmo Vanelli	— Brusque	— R. Ilhota
6. Antônio Ferreira Saraiva	— São Paulo	
7. Antônio Modesto Benvenutti	— Brusque	— Santa Terezinha
8. Arnóido Baron	— Guabiruba	
9. Arnaldo Carminatti	— Brusque	— R. Blumenau
10. Arnaldo Lana	— Brusque	— Santa Rita
11. Artur Fortunato	— Itajaí	
12. Benvenuto Bendini	—	(residência desconhecida)
13. Carlos Fischer	— Guabiruba do Sul	
14. Constantino Torrezani	— Brusque	— Zantão
15. Curt Ulber	— Brusque	— R. São Pedro
16. Dionísio João Comandolli	— Rio do Sul	
17. Ervin Batschauer	— Brusque	— R. Bulcão Viana
18. Erwin Riffel	— Brusque	— Guarani
19. Fernando Dalago	— Brusque	— R. Georg Boetger
20. Germano Schlindwein	— Guabiruba do Sul	
21. Hercílio Bissoni	— Itajaí	
22. João Hingst Filho	— Brusque	— Av. 1º de Maio
23. João Pedro Amorim Júnior	— Brusque	— R. Marcílio Dias
24. Joaquim Boos	— Blumenau	

- 25. José Custódio — Brusque — Santa Rita
- 26. José Giancesini — Brusque — Centro
- 27. José Gonzaga — Brusque — Av. 1º de Maio
- 28. Lourenço Girardi — Brusque — R. Ilhota
- 29. Luiz Brandt — Brusque — Limeira
- 30. Mário Imhof — Gaspar
- 31. Paulo Modesto Cavichiolli — Brusque — Limeira
- 32. Pedro Tarter — Brusque — Zantão
- 33. Ronaldo Ristow — Água Verde (PR)
- 34. Rudi Kistenmacher — Brusque — Limeira
- 35. Santo Fugazza — Brusque — R. Bulcão Viana
- 36. Santo Tabarelli — Camboriú
- 37. Venâncio Tamazia — Brusque Centro
- 38. Viniton Maluche — Vidal Ramos
- 39. Walter Frederico Kreidlow — Brusque — Águas Claras
- 40. Wilimar Ristow — Brusque — R. Gustavo Schlöser

**Falecidos**

- 41. Alexandre Lamin
- 42. Antônio Ivo Moritz
- 43. Henrique Pozzi
- 44. João José Pedrini
- 45. Leo Boos
- 46. Waldir Merizio
- 47. Zeno Schaefer

PS. Kurt Stoll mudou-se para Brusque, após a guerra.

Todos serviram como soldados, menos Anselmo Vanelli, promovido a Cabo, logo no início de sua participação. Diz ele que foi por engano. Kurt Stoll exercia o posto de 3º sargento. Como heróis, todos receberam Medalha de Campanha. Ninguém foi morto. Germano Schlindwein, o mais ferido, foi levado pelo Exército aos EEUU para cirurgia. São 4 os companheiros que receberam Medalha de Sangue por ferimentos durante o conflito:

- Germano Schlindwein
- Alvim Gonçalves
- Afonso de Oliveira
- João de Amorim Filho

A eles, a gratidão da pátria e o reconhecimento do povo.



**De pé da direita para a esquerda**

Arnoldo Baron; Luiz Brandt; Arnoldo Carminatti; Walter Frederico Kreidlow; Ronald Ristow; João José Pedrini; Antônio Modesto Benvenutti; Fernando Dalago; Lourenço Giraldi; Antônio Ivo Moritz; Hercílio Bissoni; Santo Fugaza; José Custódio; João Pedro de Amorim Júnior; Carlos Fischer; Germano Schindwein; Henrique Pozzi; Kurt Stoll; Vinton Maluche; Pedro Tarter; Vanânio Tamazia; Paulo Modesto Caviquioli; Ervin Batschauer; Alexandre Lamin.

**Agachados da direita para a esquerda**

José Gonzaga; Mario Imhof; Santo Tabarelli; Alwin Gonçalves; Alberto Luiz Maestri; Willimar Ristow; Curt Ulber; Anselmo Vanelli; Zeno Schaefer; André Bianchessi; Afonso Oliveira; Joaquim Boos; Rudi Kistenmacher.

**Sentados da direita para a Esquerda**

Leão Boos; Artur Fortunato; João Hingst Filho; Constantino Torresani; Dionísio Comandolli; Waldir Meiriz; Antônio Ferreira Saraiva; José Gianisini; Arnaldo Lana; Ervin Riffel.

## **Documentos da Administração Barão Maximiliano de Schneéburg referentes a outubro de 1863**

(De conformidade com a ortografia original).

**Directoria da Colonia Brusque no Itajahy-mirim aos  
4 de Outubro de 1863.**

Illmº e Exmº Snr.

Rogo à Vº Exª o que ja ha mais de um mez requeri ao Snr. Agente da Colonisação de Sta. Catharina, que Se sirva ordenar a remessa que agora se torna maior pelos Colonos novos, de ferramentas agricola a distribuir conforme o uso prescripto e necessário:  
24 machados; 24 enchadas; 24 foices.

Deos Guarde á Vª Exª

**Illmº e Exmº Snr. Pedro Leitão da Cunha**  
**Dmº Presidente da Provincia de Stª Catharina**  
O Diretor da Colonia  
**Barão de Schneéburg**

**Directoria da Colonia Brusque no Itajahy-mirim aos  
5 de Outubro de 1863.**

Illmº e Exmº Snr.

Em respeitosa resposta ao officio reservado de Vº Exª de 14 de Setembro proximo passado, tenho de levar ao justo conhecimento de Vª Exª que não aceitei no nucleo da Colonia os colonos vindos de Theresopolis sem guia nem officio algum, como no meu officio de 23 de Setembro relatei á Vº Exª, pedindo as ordens de Vª Exª á respeito. achando-se elles 4 pessoas de Henrique Wenning e 2 pessoas de Germano Brunning até hoje sómente como hospedados nas casas de seus parentes n'esta Colonia, a pezar de terem me elles declarado, que seus papeis de mudança legitima á essa Colonia, deverão sem falta me serem remettidos em poucos dias depois de sua chegada no dia 9 de Setembro á essa Colonia.

Deos Guarde á Vª Exª

**Illmº e Exmº Snr. Pedro Leitão da Cunha**  
**Dmº Presidente da Provincia de Stª Catharina**  
O Diretor da Colonia  
**Barão de Schneéburg**

**Directoria da Colonia Brusque no Itajahy-mirim aos  
20 de Outubro de 1863.**

Illm<sup>o</sup> e Exm<sup>o</sup> Snr.

Tenho a honra de submeter à decisão de V<sup>a</sup> Ex<sup>o</sup> o requerimento junto de João Haskel, Belga, 48 annos de idade, solteiro, que pede um terreno como Colono deste Estabelecimento.

Esse homem trabalha aqui ha bastante tempo, como jornalista de particulares, já como carpinteiro, já na lavoura rural. Pede o lotte deixado pelo Colono Feige; diz a posição destas terras ser lhe justamente conveniente, principalmente para plantações de Café; visto que no lotte proximo contiguo de Philippe Krieger, essa plantação prospéra de sorte, que os 3.000 pés de Café, quasi nada soffrerão das geadas, cresçen prodigiosamente, e a penas 2.1/2 annos plantados estão em parte já com flores.

Pretende trabalhar alternativamente nesta cultura e no seu Officio.

É quanto respeitosaente tenho de informar à V<sup>o</sup> Ex<sup>a</sup>.

Deos Guarde á V<sup>a</sup> Ex<sup>o</sup>

**Illm<sup>o</sup> e Exm<sup>o</sup> Snr. Pedro Leitão da Cunha**  
**Dm<sup>o</sup> Presidente da Provincia de St<sup>a</sup> Catharina**

O Diretor da Colonia  
**Barão de Schneéburg**

**Directoria da Colonia Brusque no Itajahy-mirim aos  
22 de Outubro de 1863.**

Illm<sup>o</sup> e Exm<sup>o</sup> Snr.

Recebi antes d'hontem uma Relação, por Copia junta, de 10 pessoas portuguezas em 2 familias, que me foi enviado pelo Snr. Agente da Colonisação na Provincia, como aviso, que seguirão nestes dias para se estabelecerem nesta Colonia.

Rogo por isso à V<sup>o</sup> Ex<sup>a</sup> de me determinar: de que modo e sob que condições os devo estabelecer; se devo pagar-lhes abonos de Subsídios, e se talvez V<sup>o</sup> Ex<sup>a</sup> determina de estabelecer-os separados nos lottes já medios pelo Engenheiro Major Rivierre na margem do Ribeirão do Limeira, lado direito do Itajahy-mirim em fertilissimas terras distantes da Sede da Colonia 4 a 5 Legoas, terras annexas á essa Colonia, e pelo Officio do Exm<sup>o</sup> Snr. Vice-Presidente o Sr. Comendador João Francisco Souza Coutinho por Officio de 14 de Novembro de 1862 destinadas a serem povoadas.

21 Lottes bons se achão lá medidos por Rivierre, o caminho

esta em parte feito por João Carlos Read, que tem na vizinhança e conjuncto um novo engenho de serra em Construcção. Não existe casa de Recepção. Peço em todo caso mandar consignar me os meios para poder cumprir com os Ordems de V<sup>o</sup> Ex<sup>a</sup> afim de não demora- os inactivos até serem estabelecidos de qualquer dos modos que V<sup>a</sup> Ex<sup>o</sup> ordenará.

Deos Guarde á V<sup>a</sup> Ex<sup>o</sup>

**Illm<sup>o</sup> e Exm<sup>o</sup> Snr. Pedro Leitão da Cunha**  
**Dm<sup>o</sup> Presidente da Provincia de St<sup>a</sup> Catharina**

O Diretor da Colonia  
Barão de Schneéburg

**Colonos Portugueses, que me estão annunciados pelo Snr. Agente Trompowsky de chegarem, por ordem superior, estabelecer-se n'esta Colonia, vindos ultimamente no vapor "Gerente" à Santa Catarina.**

- 1 Ant<sup>o</sup> de Souza Cavaco: 47 anos, Casado, Português, Católico, é so- gro de A. A. Vianna;
  - 2 Jacintha Rosa Cavaco: 47 anos, Casada, Portuguesa, Católica.
  - 3 Manoel de Souza (filho): 19 anos, Solteiro, Português, Católico;
  - 4 Maria Jozé (filha): 14 anos, solteira, Portuguesa, católica;
  - 5 Augusto Afonço Vianna: 28 anos, Português, Católico;
  - 6 M<sup>o</sup>. Julia de Souza Vianna: 21 anos, Casada, Portuguesa, Católica, é filha de Ant<sup>o</sup> de Souza Vianna;
  - 7 Carolina (filha): 3 anos, solteira, Portuguesa, Católica;
  - 8 Guilhermina (filha): 15 m., solteira, Portuguesa, Católica;
  - 9 Manoel (filho): 5 anos, solteiro, Português, Católico, filho orfão do falecido Colono Manoel Medeiros;
  - 10 Jacintho: 1 ano, solteiro, Português, Católico, filho orfão do fale- cido Colono Manoel Medeiros;
- 10 2 familias a 1<sup>a</sup> — 4 pessoas — 2 adultos — 2 menores  
2<sup>a</sup> — 6 pessoas — 2 adultos — 4 menores  
2 familias 10 pessoas — 6 adultos — 4 menores.  
Estão conforme.

**Barão de Schneéburg**  
Director da Colonia

**Directoria da Colonia Brusque no Itajahy-mirim em  
23 de Outubro de 1863.**

Illm<sup>o</sup> e Exm<sup>o</sup> Snr.

Em obediencia à Ordem e Officio de V<sup>o</sup> Ex<sup>a</sup> com data de 29 de Setembro próximo passado, levei as despezas feitas com os 23 Colonos (vindos pela Escuna Hamburgueza URANIA á essa Colonia) no importe de (Rs. 92\$145 digo Noventa e dous mil cento e quarenta e cinco reis, pagos por mim à Saillantinen & Haendchen, na conta geral desta Colonia, aonde chegarão em 3 de Setembro proximo passado.

Comuniquei-lhes que estavam matriculados como Colonos deste Estabelecimento, — que eu nao estava authorizado de abonar-lhes Subsídios, mas sim de dar-lhes Serviços públicos razoavelmente proporconais, e até seis mezes, e depois iguaes como os outros, o que lhes é muito mais conveniente, por assim não se constituirem devedores destes abonos.

Apresentam-me hoje tristes e respeituosos, o requerimento à V<sup>o</sup> Ex<sup>a</sup> que vai em separado, não incluso no presente Officio por carcer anteriormente de ser sellado, em que submissos e humildes allegão os motivos de sua Petição que declarão urgente. Escolherão um entre elles para levar menos tempo do que pelo correio afim de remetter esse Requerimento à Desterro e à benigna e justiceira determinação de V<sup>o</sup> Ex<sup>a</sup> que supplicão.

Essa gente de facto deroubarão bastante nos seus lottes, já queimão e alguns commegão a plantar as espécies que a Estação ainda permite, alias terião perdido de tudo a presente ainda curta occasião de plantar certas especies, deverião ter esperado até Dezembro e Janeiro para começar à plantar, e mais outros 6 mezes para colher as plantas de primeira necessidade.

Deos Guarde á V<sup>a</sup> Ex<sup>o</sup>

**Illm<sup>o</sup> e Exm<sup>o</sup> Snr. Pedro Leitão da Cunha  
Dm<sup>o</sup> Presidente da Provincia de St<sup>a</sup> Catharina**

O Diretor da Colonia  
**Barão de Schneéburg**

---

**Illm<sup>o</sup> e Exm<sup>o</sup> Snr. Presidente da Provincia. 23.10.1863**

Dizem os abaixo assignados que chegarão na Barra do Itajahy com o navio Hamburguez "Urania" e que querião dirigir-se à Colonia Imperial Blumenau. Como porem já na Barra lhes foi exposto e explicado o estado actual da Colonia Blumenau e o da Colonia Brusque, resolverão-se elles, como nada devião ao navio, por terem pago á sua passagem, ir á Colonia Brusque.

Chegando aqui o Illm<sup>o</sup> e Dgm<sup>o</sup> Snr. Director da Colonia indicou-nos já e já terreno aos lotes de terras, declarando porem a nós, que elle sem authorização do Governo não nos podia pagar os abonos pecuniarios, que os outros Colonos receberão.

Os Supplicants, como o Illm<sup>o</sup> e Dm<sup>o</sup> Snr. Director e seus empregados podem confirmar, gastão todo o tempo que residem nos seus lotes, na plantação d'elle, e no anno proximo futuro ter alguma cousa a comer.

Em Hamburgo aos Supplicants foi promettido elles receberem abonos pecuniarios da parte do Governo Imperial, como os Colonos anteriormente chegados.

Na esperança e espera d'estes abonos ou subsidios, os supplicants já fizeram dividas nas cazas de negocio.

E como os Supplicants, como o Illm<sup>o</sup> Snr. Director d'esta Colonia pôde confirmar, trabalharão diligentemente nos seus lottes de terras, os quaes plantarão á razão da colheita proxima necessaria.

Pedem elles Supplicants á V<sup>a</sup> Ex<sup>a</sup> que se digne authorizar á Illm<sup>o</sup> e Degm<sup>a</sup> Directoria d'esta Colonia á abonar-lhes os subsidios como o Governo Imperial concede e dá aos outros, Colonos, dos quaes carecem tanto as pobres familias dos Supplicants que como não tem filhos adultos, mas somente menores não podem dedicar ao serviço publico, isto é serviço de caminho, mas devem empregar todo o seu tempo em serviço dos seus lotes de terras, dos ques ou do resultado do seu sucr n'elles enterrado os Supplicants com suas familias hão de viver, e só depois buscar auxilio nos serviços publicos.

E. R. M.

ass. Seis assinaturas ilegíveis.

Número 21 — Ano VI — Tiragem de  
— 500 exemplares —

Colaboração financeira integral do  
**Rotary Clube de Brusque**

A PROVA QUÁDRUPLA:

1. É a Verdade ?
2. É justo para todos os interessados ?
3. Criará BOA VONTADE E MELHORES  
AMIZADES ?
4. Será BENÉFICO para todos os interessados ?

A PROVA QUÁDRUPLA foi idealizada pelo rotariano Herbert Taylor, de Chicago, em 1933, como medida para um negócio à beira da falência. Foi tão grande o sucesso que o ROTARY INTERNATIONAL a adotou como parte do Programa de Serviços Profissionais. Em 1954, Herbert Taylor, que foi presidente do R. I., transferiu os direitos autorais para o ROTARY INTERNATIONAL.

---

# ROTARY INTERNATIONAL

O objetivo de Rotary é estimular e fomentar o Ideal de SERVIR, como base de todo empreendimento digno, promovendo e apoiando:

PRIMEIRO — O desenvolvimento do companheirismo como elemento capaz de proporcionar oportunidades de Servir ;

SEGUNDO — O reconhecimento do mérito de toda ocupação útil e a difusão das normas de Ética profissional.

TERCEIRO — A melhoria da Comunidade pela conduta exemplar de cada um na vida pública e privada ;

QUARTO — A aproximação dos profissionais de todo mundo, visando à consolidação das boas relações, da cooperação e da Paz entre as nações.

